

ENTRE A ARGENTINA E A PATAGÔNIA ARGENTINA:
IDENTIDADE E DIFERENÇA EM *FINAL DE NOVELA EN PATAGONIA*, DE
MEMPO GIARDINELLI

Ana Paula dos Santos DE SÁ¹

Resumo: A leitura de *Final de Novela en Patagonia* (2000), de Mempo Giardinelli, apresentada neste artigo visa explorar as implicações, estéticas e/ou de outra ordem, que a inscrição nacional do autor/narrador traz à narrativa. Nascido na Argentina, Giardinelli relata sua viagem pela Patagônia que compreende o mesmo território, compondo um livro fortemente marcado pelo hibridismo de gêneros. Embora não se trate de uma viagem ao exterior, os mitos e o exotismo comumente atribuídos à Patagônia fazem com que, em diversas passagens, Giardinelli refira-se a este espaço como o espaço do Outro, um Outro estrangeiro. Nota-se assim uma constante *oscilação identitária* por parte do narrador, que transita entre uma postura de afastamento e uma postura de pertencimento, esta última evidenciada por meio da igualmente frequente recuperação de um “nós” justificado pela partilha, entre ele e os patagões, do mesmo território geográfico/nacional. Com base nessas considerações, busca-se com este artigo explorar quais são os fundamentos e contornos dessa alternância de juízos, ora um juízo sobre o Outro, ora um juízo sobre o Nós. A fim de verificar a consistência dessa hipótese, apresenta-se uma breve análise comparada entre o livro de Giardinelli e *In Patagonia* (1987), do inglês Bruce Chatwin, livro de referência para a Literatura de Viagens enquanto disciplina, principalmente no que concerne a narrativas sobre a Patagônia.

Palavras-chave: Mempo Giardinelli. Literatura de Viagens. Literatura e Identidade. Imagologia.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), SP-Brasil. Bolsista Fapesp. E-mail: anapss.unicamp@gmail.com

Estrutura e enredo de *Final de Romance na Patagônia*²

Se por um lado é inquestionável a presença de marcas do gênero Literatura de Viagens em *Final de Romance na Patagônia*, tais como a descrição das paisagens materiais e humanas, a reflexão e juízo acerca do Estrangeiro, referências a outros textos de viagens, etc., por outro se percebem elementos e estratégias passíveis de serem encarados com estranheza pelos leitores, no caso a inserção de poemas ou de transcrições de sonhos no decorrer dos relatos do trajeto empreendido. Porém, ao se ter em vista o fato de a efabulação configurar-se uma prática indissociável dos relatos do escritor-viajante, é necessário assumir como um aspecto igualmente comum ao gênero a impossibilidade de ser estabelecida “uma grande diferença entre a viagem dita «real» e a viagem imaginária” (MACHADO & PAGEAUX, 2001, p. 34). Nesse sentido, entende-se de antemão que tais aparentes “desvios” do gênero revelam-se na verdade importantes caminhos para uma reflexão sobre o próprio gênero, e não um motivo que justifique o afastamento de *Final de Romance na Patagônia* desse universo textual.

Extrapolando esse já conhecido hibridismo inerente à Literatura de Viagens³, definido, portanto, pela fusão de formas discursivas até então provenientes da dupla antagonista formada pela realidade e pela ficção, Giardinelli faz de seu livro de viagens um suporte para a escrita de um outro livro, apostando em um efeito *mise en abîme*. Ansioso por elaborar um final para seu romance sobre os personagens Clelia e Victorio — eis a origem do título “Final de romance...” —, a justificativa da viagem para a Patagônia é apresentada nos seguintes termos: “necessitava de me afastar do cotidiano para me concentrar no romance em que

² Em concordância à edição portuguesa utilizada nesta análise, a palavra “Patagônia” será grafada com acento agudo sempre que fizer menção ao título da obra ou inserir-se em uma citação. Em outras ocorrências, seguir-se-ão as regras ortográficas do português brasileiro. A mesma ressalva é válida para a obra de Bruce Chatwin citada na segunda seção do artigo.

³ Nesse contexto, ganha relevância a percepção de viagem enquanto gênero discursivo desenvolvida por Beatriz Colombi Nicolia (2006, p. 13). Para a autora, é possível entendê-la como um gênero secundário ou ideológico “que aloja em su interior a géneros menores o primarios, como guías, mapas, cartas tablas, itinerarios, cronologías, instructivos, descripciones, dibujos”. Apenar de Mempo Giardinelli não priorizar os gêneros mencionados por Nicolia, tal citação permite compreender a dimensão da plasticidade desse tipo de texto, e esclarecer como o hibridismo determina a sua configuração.

vinha trabalhando e que tinha completamente emperrado (...). Alguma coisa me dizia que a Patagônia me reservava a solução desse texto” (GIARDINELLI, 2009, p. 16).

Assim como os sonhos e os poemas, os trechos do referido romance não se confundem ao relato da viagem devido a uma distinção gráfica atribuída a eles — os primeiros apresentam títulos em negrito, os segundos aparecem em itálico —, salvo ocorrências específicas em que há uma intencional inserção de Clelia e Victorio à narrativa factual, os quais passam da condição de personagens ficcionais dos romances do escritor à condição de personagens “reais” atrelados a episódios de sua viagem à Patagônia⁴. Cabe frisar que o narrador não se limita a apresentar a versão concluída do romance inspirado nesses dois personagens, mas expõe uma reflexão sobre seu processo de escrita, permitindo ao leitor entender a origem da inspiração para certos acontecimentos ou o porquê de determinadas escolhas em detrimento de outras. Há um evidente discurso metatextual, referido por Maria de Fátima Outeirinho (2008a, s/p) como uma “macro-textualidade fragmentária”.

Independente dos contatos entre «viagem factual» e «viagem imaginada», somando-se ao livro aqui analisado a «viagem romanesca-ficcional» protagonizada por Clelia e Victorio, o protocolo de leitura de *Final de Romance na Patagônia* assume uma viagem efetivamente ocorrida, apresentando como isomórficas as figuras do «autor empírico» e do «autor textual». Embora o narrador não viaje sozinho — Giardinelli é acompanhado por seu amigo e “copiloto” Fernando, que já havia pesquisado muito sobre a Patagônia e na ocasião aproveitava seu período sabático das aulas que lecionava na Universidade de Virgínia (EUA), e Colarito, nome dado ao Ford Fiesta utilizado durante o percurso —, seus relatos são de todo pessoal e íntimo, havendo prevalência do pronome “eu” para a emissão de impressões e opiniões.

⁴ Pode-se citar como exemplo o capítulo “O solitário de Três Cerros” (pp. 119-125), no qual o narrador apresenta Francisco, empregado de uma estalagem que havia no meio do percurso. Clelia e Victorio são inseridos em tal relato como se fizessem parte da viagem factual (o itálico não é empregado nessa passagem): “Enquanto Clelia vai à casa de banho, Victorio mete conversa e Francisco dá-lhe o troco (...)” (GIARDINELLI, 2009, p. 123). É interessante notar que a inserção dos personagens em um espaço entendido como exclusivo ao relato factual (grafado sem itálico), pode dar margem até mesmo ao questionamento da real existência de Francisco. Esse capítulo demonstra as muitas vias de “manipulação” do discurso ao alcance de Giardinelli, que sujeita o leitor a uma recorrente indagação sobre os limites que separam «viagem factual» e «viagem imaginada», «viagem factual» e «viagem romanesca-ficcional», «viagem imaginada» e «viagem romanesca-ficcional», etc.

Fernando assume mais a figura de uma companhia durante o percurso, sobre o qual pouco é mencionado, do que a de um personagem protagonista ou coadjuvante. O pronome “nós” é utilizado predominantemente para a descrição de fatos concretos, físicos, e não para referências psicológicas.

Entre a Argentina e a Patagônia (também argentina): as *oscilações identitárias* do narrador

Diferença e identidade só existem numa relação de mútua dependência. O que é (identidade) depende do que não é (diferença) e vice-versa (SILVA, 2010, p. 101).

Ainda em relação à inscrição do livro de Giardinelli dentro da Literatura de Viagens, outros aspectos comuns ao gênero destacam-se ao longo do texto. Desde o início do livro, por exemplo, é notória a necessidade do narrador de afastar-se da imagem de um turista convencional.

Ao volante, reflito sobre o que significa viajar e conhecer cidades que não se visitam numa perspectiva turística. É óbvio que não somos turistas previsíveis e tão-pouco nos interessa promover seja o que for. Admito que viajo como quem passeia à sorte: aparentemente distraído, o que encontrar far-me-á feliz, sobretudo se me abrir mais os olhos. (GIARDINELLI, 2009, p. 111).

Para Patrick Holand e Graham Huggan (2003) tal fenômeno da narrativa de viagens moderna é visto nos seguintes termos:

It is no surprise to find, in a number of contemporary travel narratives, a heated defense of the conventional traveler/tourist distinction. The distinction is, of course, highly specious: travelers, unlike tourists, are “nonexploitative” visitors, motivated not by the lazy desire for instant entertainment but by the hard-won battle to satisfy their insatiable curiosity about other countries and peoples. (HOLAND & HUGGAN, 2003, pp. 2-3).

Entretanto, e diferentemente da crítica radical que muitos escritores dirigem à “alienação” do “turista-consumidor”, o qual simplesmente segue o roteiro previsto pelo

pacote de viagem comprado, os comentários de Giardinelli sobre esse ponto ganham uma singularidade: atentam-se às consequências ambientais do turismo na Patagônia. Conforme já destacado em outro artigo de Outeirinho, “Viagem e temáticas ambientais em visões da Patágonia de Luis Sepúlveda e Mempo Giardinelli” (2008b), há ao longo da obra um tom de denúncia relacionado à questão ambiental. Nas palavras da pesquisadora, observa-se, tanto em Sepúlveda quanto em Giardinelli, uma “consciência cívica e política que os faz dar voz ao que e aos que não tem voz”, consequente do fato de ambos terem pertencido a “uma mesma geração latino-americana que vivenciou regimes ditatoriais” (OUTEIRINHO, 2008b, 83). Vale destacar que tais “denúncias” originam-se, muitas vezes, dos testemunhos de alguns dos habitantes locais com os quais o narrador e Fernando cruzam ao longo do caminho — grande parte do texto baseia-se na “voz” e nas histórias dos patagões conhecidos durante a viagem; “É que a gente na Patagônia tem intensa necessidade de falar. Das suas vidas, do seu ambiente, do que fazem. Têm uma insaciável, peremptória necessidade de ser escutados” (GIARDINELLI, 2009, pp. 93-94).

Longe de se configurarem apenas dois vestígios de gênero, o perfil de turista defendido (e também o perfil “atacado”) pelo narrador e o conteúdo e intensidade de suas denúncias — denúncias estas comuns a esse tipo de texto, dado as relações primeiras que o gênero estabeleceu com os jornais — sofrem influência determinante de um fator entendido neste trabalho como fundamental à análise do livro: *a sua inscrição nacional*. O fato de o narrador ser argentino e estar viajando por um espaço mítico dentro de seu próprio país faz com que a sua imagem sobre a Patagônia oscile entre dois pólos: por um lado, esse caráter mítico afasta-o, e essa região surge como o Outro, um espaço Estrangeiro em relação à Argentina conhecida por Giardinelli, aqui denominada «*Patagônia estrangeira*»; por outro, tem-se a «*Patagônia argentina*», onde a proximidade é reconhecida, e a Patagônia e os patagões surgem como parte de uma Argentina na qual o narrador reconhece a si e aos seus conterrâneos.

O primeiro caso, a «*Patagônia estrangeira*», fundamentada em certos pressupostos da “Patagônia mítica”, identificada, principalmente, através das escolhas lexicais de Giardinelli

(“vazio”, “imensidão”, “nada”), é o responsável pelas constantes críticas que a pesquisadora Silvia Estela Casini dirige a este e a outros livros. Casini defende que no mesmo sentido do “Orientalismo” de Edward Said, percebe-se nessas narrativas um “Patagonialismo” (CASINI, 2004, s/p), ou seja, uma perspectiva essencialista (e imaginada) em torno desse espaço. Recuperando as considerações de Kathryn Woodward, tal perspectiva pode ser associada à concepção de um “conjunto cristalino” de características partilhadas, que não se alteram, que são tidas como imutáveis (Hall *et al.*, 2012: 12). A tese central de Casini funda-se na ideia de que há nos atuais relatos sobre o espaço patagônico uma repetição de um “texto fundador”, desenvolvido pelos primeiros cronistas e acentuado na atualidade pela viagem narrada por Bruce Chatwin, que fundamenta o imaginário construído sobre essa região. Para ela, é evidente a presença de uma “red textual canônica” (CASINI, 2006, s/p) em *Final de Romance na Patagônia*.

Como já observado por Outeirinho (2008^a, p. 79) em concordância às ideias de Casini, é certo que “se Giardinelli recusa uma ancoragem num imaginário textual marcado por Chatwin, certo é que não escapa a um conjunto de representações já comuns sobre a Patagônia”. Desde o início da obra, Giardinelli insiste em um afastamento a qualquer ideia prévia sobre o espaço a ser visitado, mas ao longo da narrativa deixa evidente o imaginário e a “biblioteca mental” que levava em sua bagagem. O autor critica os “lugares-comuns da Patagônia literária” (GIARDINELLI, 2009, p. 42) abordados pelo livro de Chatwin, bem como seu “demasiado olhar europeu”, que “*nos julga sempre*” (grifo meu) (ibid., 52). Para criticar o escritor inglês, o autor assume a imagem da «Patagônia argentina» e não mais da «Patagônia estrangeira», a fim de, através de uma aproximação, retirar a “superioridade” do europeu e conferir a si o discurso legitimado sobre esse espaço, onde se encontra inscrito nacionalmente.

A figura e os consequentes juízos do europeu sobre esse “nós”, ora um “nós” argentino ora latino-americano, nunca associado à Patagônia mítica da qual o narrador por vezes se afasta, é recuperado em distintas passagens do texto:

Enquanto conduzo pela 40 não deixa de me espantar tanta beleza estéril. Sobretudo, num país que é um paraíso, ainda que povoado por indigentes, tanta riqueza inútil deveria perturbar qualquer indiferença. Contudo, isso não acontece com a Argentina, que parece blindada. (...) Deve ser por coisas assim que os europeus, na Patagônia, se deslumbram com as maravilhas mas também com a nossa indolência. Temos uma mina de ouro que não é explorada. (GIARDINELLI, 2009, pp. 169-170).

No capítulo “Crónica do penúltimo nazi do fim do mundo”, momento em que é descrito o contato do narrador com um velho patagão que defende a volta da ação dos militares no país, a Patagônia também é apresentada como inserida no território nacional:

Penso também que tudo o que farei é simplesmente escrever esta crónica, que talvez devesse se intitular como a do último nazi da Patagónia. Mas a seguir corrijo-me, na Argentina, por desdita, parecem ser uma espécie inextinguível; entre nós o último nazi é sempre o penúltimo. (ibid., p. 184).

Ainda que a imagem da «*Patagônia estrangeira*» fique mais evidente através do conjunto lexical do texto, uma vez que a descrição do espaço físico feito por Giardinelli acaba por desconsiderar as particularidades culturais, políticas e sociais da Patagônia, isolando-a dentro de um espaço mítico de vazio e imensidão, em algumas passagens a ideia de uma Patagônia distinta e distante da realidade argentina é também anunciada e desenvolvida por meio do discurso do autor, sem a convencional adjetivação relacionada ao “nada” patagônico. Em “Los Antiguos: ar limpo e funesta impunidade” o narrador fica admirado ao encontrar na Patagônia a impunidade que, para ele, seria comum à Argentina como um todo — “é a Argentina da impunidade, também na Patagónia” (ibid., p. 215) —, relevando certa expectativa positiva e esperançosa em torno desse “espaço distante”.

“O olhar demasiado europeu”: a Patagônia de Bruce Chatwin

Durante as duas horas que se seguiram, ele foi a minha Patagónia.

Bruce Chatwin, *Na Patagónia*

Se em Giardinelli a “voz dos outros” tem um espaço privilegiado, na narrativa de Bruce Chatwin, *Na Patagónia*, ela pode ser considerada o livro por excelência. Quase não são

apresentadas ao leitor apreciações pessoais (diretas) do autor, salvo seu tom irônico e impressões implícitas, visto que na maioria dos capítulos ele se limita a narrar o que ouvira, sem explicitar suas opiniões. Uma estratégia narrativa que, apesar de chamar a atenção dos críticos devido a sua “inovação” no que concerne aos contornos dos relatos de viagem, não impediu que seu texto fosse, por vezes, associado a um imaginário essencialista sobre o espaço patagão.

Somada a uma descrição geográfica que reafirma a imagem de um espaço de solidão e vazio, muitas das vozes que compõem o livro de Chatwin partilham de uma visão negativa sobre os indígenas, assim como de um mau entendimento de sua cultura, e acabam, portanto, proferindo relatos com marcas de alguns estereótipos, como os que associam o índio ao mau-selvagem e a animais, além de referirem-se a seus rituais de forma descontextualizada e depreciativa — Chatwin não exalta essas afirmações, mas é possível perceber uma constante omissão crítica sobre o que é descrito.

Nesse cenário, a inscrição nacional de Mempo Giardinelli contrastada à figura do estrangeiro representada por Bruce Chatwin ganha destaque: enquanto o escritor argentino insere em seu texto relatos de diversos habitantes nascidos e crescidos na Patagônia, mesmo tendo encontrado e conversado com muitos estrangeiros ao longo de sua viagem, o livro de Chatwin prioriza os depoimentos dos imigrantes, sobretudo europeus provenientes da Inglaterra e da Alemanha. Da mesma forma que a nacionalidade e o idioma de Giardinelli podem ser considerados um fator de aproximação aos habitantes nativos, o mesmo pode ser associado ao recorrente contato do inglês com os europeus. Embora Chatwin dialogue com imigrantes que há vários anos instalaram-se em espaço patagão, fica evidente que as imagens desses estrangeiros sobre o povo patagão, e, em certa instância, dos sul-americanos como um todo, vieram em suas bagagens.

A guerra foi o maior erro da história (...). Dois povos pertencentes a uma raça superior arruinando-se um a outro. Juntas, a Inglaterra e a Alemanha podiam ter dominado o mundo. Agora, até mesmo a Patagônia está a tornar-se novamente *indígena*. Que Pena! [Relato de um alemão]. (CHATWIN, 2008, p. 122).

Todo este assunto sobre chacina de Índios é um bocado exagerado. Estes Índios, está a perceber, pertenciam a uma espécie muito inferior. Quer dizer, não eram como os Astecas ou os Incas. Nenhuma civilização nem nada. Regra geral, não passavam de uns desgraçados. [Relato de um inglês]. (CHATWIN, 2008, p. 263).

O “olhar demasiado europeu”, “sempre a julgar o Outro”, que fundamenta a crítica de Mempo Giardinelli a Bruce Chatwin advém do abragente espaço fornecido à voz do europeu em uma narrativa que se propunha falar sobre a Patagônia — ainda que o escritor inglês busque conversar com imigrantes que possam esclarecer histórias e lendas sobre o território, a fim de melhor conhecer a região. Em certa medida, verifica-se que a inscrição nacional de Giardinelli, mesmo que este seja tão desprovido de “conhecimentos patagônicos” quanto Chatwin, fornece, em muitas ocasiões, autoridade a seu relatos, uma vez que a sua condição de “argentino” é a responsável por sua, ocasional, familiaridade e aproximação dos nativos. Diferente de Chatwin, com marcada distância pessoal-emocional do espaço visitado, Giardinelli está vulnerável a se ver igualmente ofendido diante de afirmações negativas sobre os habitantes locais ou sobre os latino-americanos, o que também pode explicar sua constante postura crítica diante de tudo o que vê e ouve.

Afinal, qual é a Patagônia de Giardinelli?

Recuperando a ideia de Machado e Pageaux de que “a imagem do Outro revela as relações que estabelecemos entre o mundo (espaço original e estranho) e eu próprio” (2001, p. 53), a oscilação de Mempo Giardinelli entre a «Patagônia estrangeira» e a «Patagônia argentina» abre caminho a uma análise circunscrita não apenas ao âmbito da narrativa de viagens enquanto gênero, mas a outras esferas dos estudos acerca do estrangeiro, como as discussões em torno da formação da identidade, especialmente a identidade nacional. As características aqui discutidas indicam que, mesmo havendo a presença da Patagônia mítica, tal obra revela-se demasiado ampla para ser reduzida a uma reafirmação de um texto fundador. As constantes denúncias ambientais presentes no livro já indicam que não se trata de um relato restrito à repetição de estereótipos ou a uma descrição ingênua do espaço — o autor denuncia um “esquecimento” da região por parte dos governantes (páginas 34, 183,

235), os perigos e consequências sociais e políticas da expansão do turismo na região (páginas 87, 106), defende a implementação da energia eólica (página 220), entre outros.

Ao considerarmos o caráter performático do discurso sobre o Outro, os recentes estudos de Silvia Estela Casini não deixam margem de dúvidas quanto à sua importância. Sobre isso, Tomaz Tadeu Silva (Hall *et al.*, 2012: 92) bem esclarece que ao descrever a identidade de um grupo cultural estamos, no fim, definindo ou reforçando essa identidade. Silva afirma que sentenças como “pessoas de tal país são...” podem legitimar-se como verdade, para além de um enunciado (daí a performatividade do discurso). Nesse sentido, Casini, ao se atentar à repetição de um imaginário acerca da Patagônia, está, em certa medida, contribuindo para que se exerça um olhar crítico sobre o mesmo. Entretanto, a notória presença de “uma rede citacional canônica” em *Final de Romance na Patagônia* não justifica a afirmação de que “no es un relato que busque informar al lector sobre las determinaciones socioeconómicas y culturales de la sociedad patagónica” (CASINI, 2006, s/p). Conforme se busca mostrar através deste trabalho, há no livro de Giardinelli uma *oscilação identitária*: ora o narrador parte de uma Patagônia mítica, distante, ora de uma Patagônia “próxima”; ora nota-se a reafirmação de uma Patagônia imaginada, ora tem-se o reconhecimento de um território argentino “comum”.

O objetivo dessas observações é destacar que as possíveis “comunidades imaginadas” ou perspectivas essencialistas que possam ser identificadas no texto de Giardinelli exigem uma análise primeira, ou seja: é necessário compreender de que forma o autor define e entende o espaço argentino como um todo. Muitas de suas afirmações essencialistas voltam-se ao povo argentino e não especificamente aos patagões. Sua inscrição nacional problematiza a questão da identidade nacional, pois a oscilação entre «Patagônia estrangeira» e «Patagônia argentina» reflete o conflito entre o coletivo e o local, sendo o primeiro o reconhecimento de uma identidade argentina abrangente a todo o território, e o segundo consequente de uma percepção das particularidades do território da Patagônia. Uma análise sob a perspectiva imagológica de Daniel-Henri Pageaux (2004), por exemplo, ressaltaria a relevância de se considerar esse aspecto. Os relatos de Giardinelli apontam vestígios de **mania** frente aos

habitantes da Patagônia quando estes se distanciam do imaginário do autor em torno do povo argentino. Por outro lado, percebe-se certa atitude de **fobia**, fazendo uso de outro termo formulado por Pageaux, quando os habitantes locais apresentam características semelhantes a dos “argentinos”. Nos dois casos, percebe-se que a Patagônia é, em certa medida e em um primeiro julgamento, vista pelo narrador como um espaço externo ao que ele define por Argentina, seja para o bem, seja para o mal.

Um caminho possível de aprofundamento dos pontos aqui discutidos seria o desenvolvimento de uma leitura comparada entre livros de viagem nos quais a inscrição nacional esteja presente — além de *Final de Romance na Patagônia*, destaca-se o do chileno Luis Sepúlveda, *Patagonia Express*, autor que, contrariamente a Giardinelli, aceita positivamente Bruce Chatwin como precursor — e livros em que a relação entre a cultura de origem e a cultura estrangeira seja veemente marcada, como os de Bruce Chatwin e Paul Theroux, visando observar de que forma a proximidade ou a distância geográfica dos viajantes influenciam suas representações dos habitantes locais. Trata-se de destacar que a convencional dupla “cultura de origem e cultura estrangeira” pode ganhar novos contornos em relatos de viagens dentro de um mesmo espaço nacional, visto que, nessas ocasiões, o viajante depara-se com um Outro que é concomitantemente, dentro de seu país, um Mesmo, oscilando constantemente entre auto e hetero-representações.

Por fim, é de suma relevância lembrar que a possível existência de um protocolo de leitura que confirme a existência de uma viagem factual, e que apresente autor e narrador como figuras isomórficas, não invalida o caráter efabulador do gênero. Cabe ao pesquisador não transformar a análise de estratégias narrativas e da representação do Outro nos textos inseridos na Literatura de Viagens em um juízo qualitativo sobre o conteúdo dos comentários e das descrições do narrador. Em concordância com os pressupostos básicos que regem a Literatura Comparada, trabalhos como este devem fundamentar-se no reconhecimento da “importância do estrangeiro como elemento componente da actividade literária e intelectual, quer como elemento motor, quer como elemento negativo, mas sempre como *elemento*

revelador do estado da cultura de um país e mesmo de uma ou várias gerações literárias” (MACHADO & PAGEAUX, 2001, p. 15).

Between Argentina and the Argentine Patagonia: identity and difference in Final de Novela en Patagonia

Abstract: *The reading of Final de Novela en Patagonia (2000), by Mempo Giardinelli, presented in this paper aims to explore the implications that the national affiliation of the author / narrator brings to the narrative. Born in Argentina, Giardinelli recounts his journey through Patagonia that belongs to the same territory, composing a book strongly marked by the hybridism of genres. It is possible to observe in the narrative an “oscillation of identity”: sometimes Giardinelli refers to Patagonia as the space of the Other, recovering in these passages the myths and the exoticism commonly attributed to this region; and, in other times, he assumes a posture of belonging, using the pronoun “we”, justified by the fact of him and the Patagonians share the same geographical space/ the same country. Based on these considerations, we seek to explore in this article which are the foundations of these different judgments, sometimes a judgment about an Other, sometimes a judgment about a “We”. In order to check the consistency of this hypothesis, we present a brief comparative analysis between the Giardinelli’s book and In Patagonia (1987), a reference book for Travel Literature as a discipline, written by the English author Bruce Chatwin.*

Keywords: *Mempo Giardinelli. Travel Writing. Literature and Identity. Imagology.*

Referências

CASINI, S. “Ficciones de Patagonia: la invención del sur en la novela de Mempo Giardinelli”. **Alpha (Osorno)**, n. 23, dezembro 2006. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-2012006000200006&lng=es&nrm=isso>. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. “Luis Sepúlveda: un viaje express al corazón de la Patagonia”. **Alpha (Osorno)**, n. 20, dezembro 2004. Disponível em:

REVISTA MEMENTO

V.5, n.1, jan.-jun. 2014

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22012004000200007&lng=es&nrm=isso>. Acesso em: 15 mai. 2014.

_____. “La fundación discursiva del espacio patagónico”. **Cyber Humanitatis**, n. 14, Santiago: Universidade do Chile, 2000. Disponível em: <<http://www.cyberhumanitatis.uchile.cl/index.php/RCH/article/viewFile/9094/9071>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

CHATWIN, B. Na Patagônia, trad. José Luís Luna, Lisboa: Quetzal Editores, 2008.

COLOMBI NICOLIA, B. “El viaje y su relato”. **Latinoamérica**. Revista de Estudios Latinoamericanos, n. 043, Distrito Federal: Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 11-35, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/640/64004302.pdf>>. Acesso em: [15/05/2014].

GIARDINELLI, M. Final de Romance na Patagônia, trad. Francisco Guedes, rev. João Assis Gomes, Lisboa: Quetzal Editores, 2009.

HALL, S.; SILVA, T. T.; WOODWARD, K. Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais, in Silva, Tomaz Tadeu (Org.), trad. Tomaz Tadeu Silva, 12ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

HOLAND, P.; HUGGAN, G. “Introduction: Travel Writing Today”, In.: Tourists with Typewriters - Critical Reflections on Contemporary Travel Writing, Ann Arbor: The University of Michigan Pres, pp. 1-27, 2003.

MACHADO, A. M.; PAGEAUX, D. Da literatura comparada à teoria da literatura, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa: Editorial Presença. 2001.

OUTEIRINHO, M. F. “Percursos no fim do mundo: Patagônia Express e Final de Novela em Patagonia”. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 18 (Junho de 2008), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.69-86, 2008a.

_____. “Viagem e temáticas ambientais em visões da Patagônia de Luis Sepúlveda e Mempo Giardinelli”. **Ecocrítica**, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 82-91, 2008b. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1251&sum=sim>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

PAGEAUX, D. “Da imagética cultural ao imaginário”. In: BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves (Orgs.) Compêndio de literatura comparada, trad. Maria do Rosário Monteiro, rev. cient. Helena Barbas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 133-166, 2004.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo, 3ª edição, 1ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.